

RAUL LEAL

CARTA A ALEISTER CROWLEY
(MESTRE THERION)

apresentação, tradução e notas
MANUELA PARREIRA DA SILVA

separata
A Ideia, n.º 75/76
2015

APRESENTAÇÃO

A carta que, pela primeira vez, se publica, da autoria de Raul Leal e datada de 15 de Janeiro de 1930, integra o espólio de Fernando Pessoa da Biblioteca Nacional, com a cota 113F-62 a 66. Encontra-se «paredes meias», se assim me posso exprimir, com uma outra carta que o mesmo autor escreveu, em 1921, ao fundador do Futurismo. A circunstância de se acharem num local inesperado induziu mesmo alguns equívocos acerca do real remetente da carta a Marinetti e levou, talvez, a que a carta que nos ocupa tenha passado despercebida a muitos investigadores da «arca» pessoana. Acresce o facto de se apresentar sem assinatura, de ser escrita em francês e dirigida a um porventura pouco conhecido «Maître Thérion». A dada altura, alguém decidiu alertar os leitores, anotando a lápis que a dita carta (ou cópia dactiloscrita do original enviado) pertencia a Raul Leal e não a Fernando Pessoa. No entanto, o seu conteúdo (como, de resto, o da carta a Marinetti) não oferece quaisquer dúvidas a respeito dessa autoria, pelo menos a quem possua algumas luzes sobre a figura enigmática e controversa de Raul Leal — «o único verdadeiro doido do “Orpheu”», no dizer de Mário Cesariny — e da sua obra, às vezes, erradamente, tida por escassa¹.

Como se pode observar, Fernando Pessoa é referido, desde o início, como o seu melhor amigo e apresentado também como possível tradutor de uma futura correspondência entre Leal e Mestre Therion, nome iniciático do mágico Aleister Crowley. O facto de Raul Leal dizer que sabe pouco de inglês poderia justificar a presença das cartas entre os papéis de Pessoa, a quem teria pedido eventualmente uma tradução para enviar aos citados destinatários. Tal pressuposição (invocada, por exemplo, a propósito da carta a Marinetti, cujas primeiras cinco folhas, das trinta e sete totais, traduzidas para inglês, se encontram também no espólio pessoano) não apresenta, porém, qualquer grau de plausibilidade, atendendo a que os destinatários eram bons conhecedores da língua francesa. Aliás, no que diz respeito a Crowley, após aturada pesquisa no seu espólio, Marco Pasi confirma a presença do original da carta de Raul Leal, em francês, na Yorke Collection (Warburg Institute). Deve-se também a este investigador a transcrição de algumas passagens da carta, nomeadamente parte do segundo parágrafo e o último, antes da fórmula de despedida.²

A publicação integral da carta de Raul Leal afigura-se, assim, duplamente justificada. Por um lado, é uma peça importante para a «história» da viagem de Aleister Crowley a Portugal e do seu encontro com Fernando Pessoa, em Setembro de 1930. Por outro, permite aceder a mais algumas páginas da «estranha» escrita de Leal e à exposição que aí faz do seu pensamento esotérico e de si próprio enquanto iniciado no Oculto.

É relativamente bem conhecido o episódio «fantástico» com que terminou a dita viagem — pretenso suicídio de Crowley na Boca do Inferno (Cascais), numa encenação preparada com a preciosíssima ajuda do próprio Fernando Pessoa e do seu amigo e sócio, o jornalista Augusto Ferreira Gomes³. As notícias nos jornais (*Notícias Ilustrado*, *Girassol*), os falsos testemunhos prestados à polícia, a pseudo-vinda de um detective inglês a Lisboa para investigar o desaparecimento misterioso de um homem tão famoso como Crowley, tido como espião ou agente duplo numa Europa à beira de uma nova guerra — tudo isso foi motivo de curiosidade e especulação.

¹ Sobre Raul Leal (1886-1964) e a sua obra, ver Manuela Parreira da Silva, «Na senda de Raul Leal, profeta do Infinito», *A Ideia*, nº75/76, 2015.

² Ver Marco Pasi, *Aleister Crowley and the Temptation of Politics*, Bristol: Acumen, 2014, pp. 11-116 e também o artigo do mesmo autor, «September 1930, Lisbon: Aleister Crowley's lost diary of his Portuguese trip», *Pessoa Plural: I* (P. / Spr. 2012), pp. 253-283.

³ Grande conhecedor das doutrinas esotéricas, Augusto Ferreira Gomes era também poeta, tendo publicado o livro de poesia, *Quinto Império* (1934), com prefácio de Fernando Pessoa. A revista *Mensagem* (2 de Junho de 1938) insere um poema seu dedicado a *sir* Aleister Crowley, «Canção Absurda». Ferreira Gomes concedeu mesmo uma entrevista à revista francesa *Déetective* (nº 103, de 30 de Outubro de 1930), contando a sua versão dos acontecimentos da Boca do Inferno.

Aleister Crowley (1875-1947) era, sobretudo, uma figura destacada do mundo esotérico. Fora membro da Golden Dawn, ordem com a qual entrou em ruptura. O casamento com a «vidente» Rose Kelly (1903) abriu-lhe as portas de um novo mundo ligado à magia. Em 1907, criou a sua própria ordem, a Astrum Argentum, promovendo a publicação semestral da importante revista esotérica *The Equinox*. Crowley aderira, entretanto, à Ordo Templi Orientis, fundada por Theodor Reuss e dedicada, em grande medida, à magia sexual. Foi por volta de 1913 que considerou ter atingido o grau de *Magus*, afirmando também ter encarnado, a partir daí, a Besta 666, pelo que tomou o nome de «To Mega Therion», a Grande Besta, nome, de resto, a que, segundo se diz, não atribuía qualquer significado satânico. Crowley / Therion assumia-se, antes, como profeta de uma nova Era Solar. Mais tarde, fundaria, na Sicília, a Abadia de Thelema, num local isolado, onde as drogas e as práticas mágicas sexuais eram comuns, provocando o escândalo e a inevitável expulsão da Itália de Mussolini. Poeta de mérito (lembre-se a publicação de «Hino a Pã», poema traduzido por Pessoa, no nº 33, de Julho-Outubro de 1931, da revista *presença*), autor de diversas obras de carácter ocultista, Crowley era uma personalidade amoral, altamente fascinante, numa época em que todos os grandes espíritos europeus tinham um especial e genuíno interesse pelo ocultismo, ocultismo que, importa salientar, informava mesmo, como diria Jorge de Sena, as «suas pessoais visões do mundo».⁴

Raul Leal não foi imune a este fascínio e a este interesse. A carta a Mestre Therion, de Janeiro de 1930, situa-nos antes da visita do mágico a Lisboa, visita que culminaria a sua intensa troca de correspondência com Pessoa iniciada ainda em 1929, a pretexto de uma correcção ao horóscopo de Crowley, inserto no livro da sua autoria, *The Confessions* (obra referida no segundo parágrafo da carta de Leal). Se cruzarmos esta carta com as daquela correspondência⁵, encontramos, realmente, algumas pistas que nos permitem perceber o espaço de intervenção de Raul Leal no processo Crowley-Pessoa.

Numa carta de 6 de Janeiro de 1930, em resposta a uma de Crowley, datada de 22 de Dezembro de 1929, Fernando Pessoa escreve: *Não falarei a ninguém, evidentemente, da sua visita. Estaria a sua advertência ligada ao recebimento de um livrinho (em francês) de Raul Leal? Ele é meu amigo (por assim dizer, pois vivo completamente afastado de qualquer espécie de amizade e de toda a espécie de intimidade); traduzi para ele algumas páginas, aqui e ali, do primeiro volume das suas Confissões, e ele pediu-me a morada do editor, para lhe enviar o livro, ao cuidado dele. Diz-me agora, no meu regresso a Lisboa, que recebeu uma carta sua e que lhe vai escrever longamente “sobre assuntos ocultos”. Com isto, obviamente, não tenho eu nada a ver, tal como não tenho com qualquer outra coisa.*⁶

Pessoa adianta uma ressalva: *Por favor não tome estas palavras como qualquer tipo de censura ao Leal, a quem realmente estimo e cuja extraordinariamente intensa capacidade metafísica aprecio.*⁷

A carta de Raul Leal, que agora se publica, é, sem sombra de dúvida, aquela que estaria na sua intenção enviar, dissertando «longamente “sobre assuntos ocultos”». Começa, até, por dar conta da recepção de uma carta de Crowley, com opinião sobre o poema-livrinho *Antéchrist et la Gloire du Saint-Esprit*, o que vem ao encontro das palavras de F. Pessoa. A existência desta carta é confirmada por Marco Pasi, pois a sua cópia encontra-se, à semelhança do original de Raul Leal, na Yorke Collection, datada, como a enviada a Pessoa, acima referida, de 22 de Dezembro de 1929.⁸

⁴ «Pessoa e a Besta», in Jorge de Sena, *Fernando Pessoa & Cª Heterónima (estudos coligidos 1950-1978)*, Lisboa: Edições 70, 1984, p.174.

⁵ Ver, a este propósito, o livro no qual Miguel Roza, sobrinho de F. Pessoa, reuniu todo o material referente ao assunto, Fernando Pessoa / Aleister Crowley, *Encontro Magick, seguido de A Boca do Inferno (novela policiária)*, compilação e considerações de Miguel Roza, Lisboa: Assírio & Alvim, 2010 [1ª ed., Huguin]. Ver também o artigo de Marco Pasi e Patricio Ferrari, «Fernando Pessoa and Aleister Crowley: New Discoveries and a New Analysis of the Documents in the Gerald Yorke Collection», *Pessoa Plural. A Journal of Fernando Pessoa Studies*, 1, 2012 e a obra mais recente de Marco Pasi, *Aleister Crowley and the Temptation of Politics*, Bristol. Acumen, 2014, pp. 11-116..

⁶ Obra referida na nota anterior, *Encontro Magick*, pp. 75-76.

⁷ *Ibid.*, p. 76.

⁸ *Op. cit.*, p. 112.

Infelizmente, não temos acesso ao seu completo conteúdo (nem à carta que se seguiu), mas depreende-se que foi de molde a autorizar ou incentivar Raul Leal a dar a conhecer, a um destinatário bem habilitado para isso, as teorias subjacentes ao seu poema esotérico.

Raul Leal ousa, então, mostrar a sua afinidade com Mestre Therion, não deixando de discordar do modo como este se intitula Besta 666. Embora não explicita as razões da sua discordância, podemos perceber que elas derivavam de um entendimento que viria, anos depois, a ser alterado.

É numa carta de 23-24 de Julho de 1950, a João Gaspar Simões, que Leal, esclarecendo a «adopção do número 666 pelo Aleister Crowley», escreve: *O Fernando e eu supusemos realmente que ele se julgava o Anticristo ou Besta Apocalíptica mas pensando melhor cheguei à conclusão de que não era natural que ele tivesse uma tão estupenda pretensão diabólica. Anticristo é um fantasma que domina um longo período histórico (da Renascença e Reforma até agora, até aos tempos presentes em que está em plena explosão cataclísmica), nunca se tendo individualizado propriamente como, de facto, se individualizou o Verbo de Deus. Houve um prenúncio dessa individualização em Mohammed (vulgarmente Mahomet), na verdade, precursor da Besta. (...) Aleister Crowley com certeza não se deixou cegar – cegar pela sua vaidade a ponto de se julgar um segundo Mohammed ou seja então, o autêntico Anticristo. (...) O motivo por que adoptou o número 666 (...) é, pois, diferente do que se possa supor à primeira vista. É que esse número cabalístico ou do Tarot, muito antes de ser representativo de Anticristo, era e continua a ser, como Aleister Crowley sabe muito bem, o da Inteligência Concreta, Prática, Materialista ou Materializadora, enfim, Impura ao contrário de 888 que é o número representativo da Inteligência Pura, Abstrata, Espiritual e sublimadoramente Espiritualizada.*⁹

Uma explicação semelhante é apresentada por Raul Leal, numa outra carta, de 22 de Março de 1957, endereçada a Jorge de Sena, a pretexto do artigo que este publicara no *Diário de Notícias*, do dia anterior, sob o título «Maugham, Mestre Therion e Fernando Pessoa»¹⁰. Leal refere-se a Mestre Therion ou 666, explicitando que este assim assinava não «por se considerar Anticristo mas porque é esse o número oculto da inteligência concreta ou empírica (Mente Inferior) em contraposição com 888 que exprime a inteligência altamente espiritualizada, isto é, a *Mente Superior*, oposta à outra cujo número (666) é atribuído à Besta Apocalíptica apenas *por derivação*, apenas em virtude de Anticristo ser, realmente, a expressão duma baixa material mentalidade, verdadeiramente *bestialíssima*»¹¹.

Estas palavras de Raul Leal ajudam também a perceber a razão pela qual surge, no final da carta a Mestre Therion, a indicação 888/ D-S, sendo D-S., obviamente, a abreviatura de Deus-Satã.

Simultaneamente, tanto a carta a João Gaspar Simões como a dirigida a Jorge de Sena (a quem Leal manifesta a vontade de mostrar as cartas que o seu correspondente inglês lhe escrevera) nos elucidam sobre as circunstâncias em que se deu o conhecimento de Raul Leal com Mestre Therion, sugerindo que o encontro «magick» de que se fala a propósito de Pessoa e Crowley deve ser revisto à luz da participação do filósofo de *Orpheu*.

Leal conta a Gaspar Simões que Mestre Therion respondeu «duma forma muito curiosa» à carta que lhe escrevera (e que se deduz tratar-se precisamente desta que agora se apresenta), «tendo mostrado *grande desejo de [o] conhecer pessoalmente*» e pedido, à chegada a Lisboa, a Fernando Pessoa que combinasse um encontro com ele, o que, na verdade, viria a acontecer. Acerca do encontro, acrescenta: «Falei muito sobre magia e ocultismo com Mestre Therion (666) (é claro, em francês) e a uma certa altura ele disse-me *que eu devia sair de Portugal porque era um meio muito pequeno para mim*»¹².

⁹ «Carta de Raul Leal a João Gaspar Simões a propósito de *Vida e Obra de Fernando Pessoa* e de Aleister Crowley», *Persona*, nº 7, Agosto de 1982, p. 56.

¹⁰ Reproduzido em Jorge de Sena, *Fernando Pessoa & C^a Heterónima (estudos coligidos 1950-1978)*, Lisboa: Edições 70, 1984, pp. 111-116.

¹¹ Jorge de Sena / Raul Leal, *Correspondência 1957-1960*, pref. de José Augusto Scabra, Lisboa: Guerra e Paz, 2010, p. 39.

¹² Carta citada na nota 7, p. 55.

A Jorge de Sena, repete a mesma informação, pormenorizando que se encontrara no Martinho da Arcada com Crowley e a «alemã verdadeiramente fascinante» que o acompanhava.

Como se vê, na carta de Janeiro de 1930, Leal oferece-se como iniciando ao Mestre Therion, embora, na altura, não adivinhasse certamente a sua próxima vinda a Portugal. Se a iniciação ocorreu realmente, não o poderemos afirmar com todo o rigor. No entanto, tal intenção é expressa por Aleister Crowley, o qual, no seu diário de 9 de Setembro (sete dias após a chegada a Lisboa), anota: « (...) Met Leal: don't like him. There's something very definitely wrong about him. At night Initiation»¹³.

Marco Pasi interroga-se sobre a probabilidade da presença de Pessoa durante o ritual. Aduz o facto de Fernando Pessoa ter estado presente no encontro de Crowley com Leal e de ter acompanhado o mágico a sua casa na rua das Salgadeiras, baseando-se na citada carta de 1930 a João Gaspar Simões. Na verdade, o que Leal diz ao crítico coimbrão é algo diferente: «Fernando, sempre meu Grande Amigo, foi propositadamente à rua das Salgadeiras (ao Bairro Alto) onde eu morava, combinar esse encontro»¹⁴. Fernando Pessoa não foi «acompanhar» Crowley, mas tão-só combinar o (primeiro) encontro, que, a acreditar na já referida carta de 1937 a Jorge de Sena, se deu no café Martinho da Arcada (onde Pessoa pode, isso sim, ter assistido à conversa, embora Raul Leal não forneça qualquer pista nesse sentido).¹⁵

De salientar, a falta de simpatia, confessada por Crowley, relativamente ao seu iniciando. Diga-se também que, pelo seu lado, Leal manifestaria a Gaspar Simões, vinte anos volvidos, uma opinião pouco elogiosa acerca do seu presumível «iniciador», dizendo que este «era ou é extremamente vaidoso e auto-reclamista, servindo-se do seu *real* poder mágico para provocar *ocultamente* factos que satisfaçam a sua vaidade imensa e dêem lugar a uma intensa propaganda do seu nome e da sua interessante mas sombria personalidade diabólica»¹⁶.

Sublinhe-se que esta apreciação condiz, de certa forma, com a que Somerset Maugham apresenta no prefácio à edição de 1957 do seu romance *The Magician*, cujo protagonista é inspirado na figura do mágico inglês. É Jorge de Sena que a transcreve no artigo do *Diário de Notícias*, atrás citado. Escreve Maugham, a respeito de Crowley: *Na época em que o conheci chafurdava ele no satanismo, na magia, no ocultismo. Havia então em Paris como que uma moda daquilo, ocasionada, ao que julgo, pelo interesse, que se mantinha, por um livro de Huysmans, Là Bas. Crowley contava histórias fantásticas de experiências suas, mas é difícil dizer se falava verdade ou meramente nos estava a levar à certa. (...) Dei à minha personagem um aspecto mais saliente, mais sinistro e mais desapiedado do que Crowley jamais foi. Atribuí-lhe poderes mágicos que Crowley, embora se gabasse deles, certamente nunca possuiu.*¹⁷

Raul Leal parece, contudo, acreditar nos verdadeiros poderes maléficos de Mestre Therion, quando, na carta a Gaspar Simões, se interroga sobre se o mago não se teria vingado de Pessoa, arrastando-o «para a Morte que poucos anos depois surgiu para ele subitamente» e provocado em si próprio «uma horrível doença que também quase foi mortal e que o Fernando nunca conseguiu explicar

¹³ Marco Pasi, 2012, p. 266 e Marco Pasi, 2014, p.114.

¹⁴ Carta citada, p. 55.

¹⁵ Importa chamar a atenção para o estudo de Paulo Cardoso sobre um horóscopo (uma chamada «Questão Horária»), feito por Pessoa para o dia 7 de Setembro, 21h e 51m. Pessoa «indaga o destino» acerca de uma dada preocupação envolvendo quatro personagens: Crowley, Hanni Jaeger, o próprio Pessoa e Leal. Embora não fique explícita a pergunta feita aos astros, a resposta indica que o assunto não iria evoluir, trazendo poucos benefícios para Pessoa e nenhuns para Leal (cf. Fernando Pessoa, *Cartas astrológicas*, edição de Paulo Cardoso, com colaboração de Jerónimo Pizarro, Lisboa: Bertand Editora, 2011, pp. 266-271).

¹⁶ *Ibid.* De notar que Raul Leal parece desconhecer o falecimento de Crowley, ocorrido três anos antes (1947).

¹⁷ *Op. cit.*, p. 114. Curiosamente, Leal fará, por mais de uma vez, referência a Huysmans. Numa outra carta a Jorge de Sena, datada de 8 de Julho do mesmo ano de 1957, esclarece: «No princípio de 1914 comecei a esboçar a doutrina paracletiana em Paris, em parte por influência da leitura de *Là-Bas*, de Huysmans.», Jorge de Sena/ Raul Leal, 2010, p. 54.

astrologicamente, tanto mais que o Paracletianismo pretende destruir para sempre o Império da Besta Apocalíptica (666), o Império da Matéria, imposta pela Razão»¹⁸.

É provável que a falta de empatia entre os dois homens – pese embora a admiração pelo Mestre que Raul Leal alardeia, em 1930 – os tenha afastado. No fundo, ter-se-ão visto como dois adversários, dois rivais que, mutuamente, talvez se tenham querido medir. Com efeito, Crowley centrou a sua atenção em Fernando Pessoa. Nada nos autoriza, porém, a afirmar (como alguns gostariam de ver confirmado...) que o poeta dos heterónimos foi (também) iniciado por Mestre Therion, ainda que, indubitavelmente, o contacto com ele, possa ter propiciado a Pessoa alguns conhecimentos mais no domínio esotérico.¹⁹

A iniciação terá sido, afinal, a de Raul Leal, cuja predisposição para a magia sexual praticada por Crowley estaria muito mais em consonância com os seus interesses, à época. As referências feitas na carta à «luxúria criativa», ao cariz divino dos vícios da carne, ao satanismo de Gilles de Rais, à «missa negra», por exemplo, mostram perfeitamente essa consonância. A sua obra conhecida confirma-o igualmente. Pensemos em *Sodoma Divinizada*, opúsculo publicado sete anos antes, onde faz a apologia da luxúria como «Obra de Deus», preconizando, para horror dos moralistas de 1923, a criação «de templos de Luxúria em que esta tome uma feição litúrgica e só então surgirá o verdadeiro sensualismo místico que há-de exprimir a divinização do Mundo, a divinização de Sodoma estabelecida exaltadamente pelo Verbo e pelo Espírito Santo!»²⁰

Estou em crer, contudo, que o pensamento teometafísico de Leal, na sua excessiva expressão e criatividade, no seu visionarismo, dificilmente seria compatível com um ocultismo à Crowley. Leal tinha em vista, sobretudo, um messiânico Paracletianismo (Religião do Divino Paraclete ou do Espírito Santo), considerando-se uma encarnação de Henoch, profeta dessa Nova Idade. A sua doutrina filia-se numa linha joaquimita de teísmo paracético, mais herética do que heterodoxa, no entender de Pinharanda Gomes, que o vê, aliás, sobretudo como um poeta metafísico e não tanto como filósofo²¹. Mas Raul Leal assumia-se também enquanto filósofo, embora, no dizer de Fernando Pessoa, num fragmento que lhe dedica, a sua filosofia seja um sistema, não propriamente uma filosofia: «transcende a filosofia». É, apesar de tudo, um «fusionismo», um «transcendentalismo do Transcendente», envolto, diz também Pessoa, «na linguagem confusa, perplexa, propriamente e explicavelmente vertigílica do próprio sistema», pois que seria impossível que «quem concebeu tal sistema o pudesse exprimir claramente»²².

A explanação desenvolvida deste sistema, que classifica por diversas vezes como Vertiginismo Transcendente, reservara-a ele para Marinetti, a quem apresenta, na longa carta de 1921, um verdadeiro programa de acção futurista social-político-religioso-artístico concebido no pressuposto de que há um espírito santo que preside, absoluta e essencialmente, à Vida-Morte de Tudo. A carta a Mestre Therion pretende tão-só fazer uma súmula das questões candentes que ocupavam a mente do seu autor. Este declara mesmo não poder, numa simples carta, dizer tudo quanto gostaria. Ainda assim, fornece elementos relevantes para a compreensão do pensamento especulativo de Raul Leal e constitui um não despidendo contributo para uma nova história de *Orpheu* e do Modernismo português, da qual a filosofia, na sua vertente hermética e metafísica, não esteja ausente.

¹⁸ Carta citada, p. 56.

¹⁹ Ver, a este propósito, por exemplo, uma nota manuscrita, na qual Pessoa escreve: «Sentir a oposição do meio é o princípio do estímulo da vitória. Isto me deu o Mestre Therion com autorização superior. (...)». *Encontro Magick*, p. 302.

²⁰ Raul Leal, *Sodoma Divinizada*, org., introd. e cronologia de Aníbal Fernandes, Lisboa: Hiena Editora, 1989, p. 88. Lembremos também uma peça de teatro planeada com o título *Deus e Luxúria*, ou o conto «A Divinização da Carne».

²¹ Pinharanda Gomes, *Teodiceia Portuguesa Contemporânea (estudo e antologia)*, Lisboa: Livraria Sampedro Editora, 1974, pp.115-119.

²² Texto reproduzido em Fernando Pessoa, *Cartas astrológicas*, ed. cit., pp.220-221.

Lisbonne, le 15 janvier 1930

Mon cher Maître Thérion,

J'ai reçu votre lettre et je serai très content de connaître tout-à-fait votre opinion sur mon poème «Antéchrist et la Gloire du Saint-Esprit». Je ne comprends pas beaucoup l'anglais, mais Fernando Pessoa, mon meilleur ami et un des Esprits les plus hauts du Portugal, peut bien m'aider dans la lecture de vos lettres. C'est lui l'auteur des poèmes admirables, «Antinous» et «Epithalamium», écrits dans votre langue, lesquels vous connaissez déjà.

Ce poète et astrologue a fait pour moi la traduction de quelques morceaux très puissants, vraiment géniaux, des «Confessions» de Maître Thérion, et j'ai reconnu que vous êtes une individualité supérieure, sous les points de vue terrestre et astral, dont les doctrines s'approchent beaucoup des miennes, malgré la conviction que vous avez d'être profondément intégré dans l'Empire de la Bête (Antéchrist-Raison: 666). J'ai donc pour vos opinions la plus haute considération et c'est pour cela que je désire avec ardeur savoir ce que vous pensez de mon poème qui d'ailleurs n'est plus qu'une annonce lointaine de mon esprit.

Sur ce livre et en général sur mes conceptions ou plutôt sur mes *intentions occultes* je veux vous dire bien de choses puisque je suis convaincu que mes paroles auront pour vous quelque intérêt.

Par l'inspiration divine je sais que tandis que le Royaume du Verbe forme le Moyen Âge, l'Empire de l'Antéchrist-Raison (la Bête de l'Apocalypse) s'esquisse pendant la Renaissance et la Réforme pour atteindre bientôt son développement extrême qui le portera sans toute à un état de bestial paroxysme.

Selon la tradition, Hénoc ou Hermès Trimégiste doit surgir de nouveau sur la Terre, dans les derniers siècles de l'Empire de la Bête, pour annoncer la prochaine destruction de celle-ci et le commencement du troisième Royaume Divin qui est le Royaume du Saint-Esprit de la Mort-Dieu. La troisième hypostase divine correspond au Moulge chaldéen et à Osiris (le Soleil *couchant* et alors le dieu souterrain de même que Moulge, essence de l'être ou Sous-Être); de cette forme, puisque la mission de Hénoc, réincarné dans un homme de notre siècle, n'est qu'annoncer la naissance d'un Royaume qui correspond à celui de Osiris ou du Soleil *couchant*, c'est logique sans doute qu'il vienne de l'extrême occident (où le soleil se couche) comme d'ailleurs Nostradamus nous l'assure:

«Au plus profond de l'occident d'Europe,
de pauvres gens (c'est à dire, d'un pays pauvre et petit) un jeune enfant naîtra...»

Or c'est le Portugal la petite nation qui existe à l'extrême occident, et dans ce cas l'homme qui surgit comme incarnation du prophète Hénoc doit être portugais.

Dans mon poème en préparation «Le Royaume de la Mort» je prouve que je suis Hénoc, le Prophète de Dieu et de la Mort que Mohammed follement a prétendu être quand il n'était plus qu'un des faux prophètes dont nous parle l'Apocalypse.

Je ne peux pas évidemment dans une lettre vous exposer tout-à-fait les doctrines du paraclétianisme (religion du Divin Paraclét ou Saint-Esprit de la Mort-Dieu) et c'est dans le poème dont je viens de vous parler que je cherche les vivre absolument, faisant surgir à travers mon âme la vision prophétique de tous les états du Royaume de la Mort, surgis dans la divine et satanique essence du moi de laquelle l'homme se maintient aujourd'hui éloigné, provenant de cela son actuelle impuissance: Parce que Dieu, Dieu-Satan, se trouve dans le *Sous-Être* dans les profondeurs *infernales* de l'Existence Universelle que nous sommes (l'Univers est seulement le monde subjectif de nos impressions-pensées), il se trouve au contraire au fond de celui-ci. À travers la Mort nous ne faisons plus que nous enfoncer dans notre propre essence au point de devenir seulement Essence, seulement Esprit, seulement Dieu: Dieu-Satan...

En effet l'Existence que nous sentons en nous, est pure et son purisme le fait surgir seulement comme esprit abstrait d'Existence, lequel est le produit dernier de la sublimation ou purification absolue. Toutefois dans cet état suprême, l'Existence, ne surgissant plus qu'abstraitemment comme esprit de soi-même, vide d'elle, s'anéantit, devient Vide, Néant, mais puisque seulement son purisme la détruit toujours et puisque c'est lui qui la fait devenir quand même absolue et alors éternelle, l'Existence pour maintenir son éternité à travers sa pure

destruction, a besoin de surgir du Néant d'une façon continue, a besoin de continuellement *se créer*: et cet esprit créatif qu'elle possède essentiellement, c'est Dieu!

Mais cet Esprit Divin ne surgit que par l'anéantissement de l'Être, Oeuvre Satanique du Mal; sans cette destruction préétablie, l'Existence Eternelle serait éternellement incréé, fixe, statique, sans vie, étant donc au fond inexistante: parce qu'exister est par nature le même que faire surgir constamment Existence et ce fait exprime activité, sans doute créatrice; il est enfin la Vie.

Or si l'anéantissement satanique de l'Existence est la source de l'action créatrice, est le seul motif de l'apparition de Dieu. Celui-ci Se fonde alors dans le Mal, se fonde alors en Satan! En outre, Dieu crée une Existence Pure dont le purisme la force à devenir seulement l'esprit abstrait de l'Existence, *vide* absolument de celle-ci, surgissant alors comme Néant quoiqu'il exprime l'état le plus pur d'Existence. De cette forme, l'oeuvre créatrice, oeuvre suprême de Dieu, est aussi l'imposition du Néant, est donc une oeuvre anéantissante du Mal. En réalité il s'agit alors de Dieu-Satan!

Et l'Existence Pure qui surgit en nous, est dans ce cas essentiellement la Mort qui est une Vie Pure, abstraite, *videment* abstraite, spirituelle. La Mort exprime la suprême Existence, la suprême Vie, Feu, Délire, Vertige dans l'anéantissement de la Vie, dans l'anéantissement de l'Être! Ce Feu transcendant, ce Feu Astral, *la propre fureur créatrice de Dieu en nous*, exprimant une vitalité trop intense, exprime donc une vitalité brutale comme celle de la Folie et de la Luxure, dont le délire surgit abstrait, *videment* abstrait, spirituel, divin, puisqu'il est pur, absolu dans le plan de la Mort. La Chair s'imprègne donc d'une essence de Vide-Esprit, se spectralise enfin dans sa suprême imposition.

Cette folle luxure de la Mort-Vertige nous devons chercher toujours car il s'agit de l'état le plus haut, le plus pur de l'Existence, de Vie, et nous ne l'attendons pas qu'à travers une progressive intensification de la vie des sens qui doit devenir de plus en plus profonde et de plus en plus bestiale. Nous finirons par la diviniser, l'identifiant même avec la fureur créatrice de Dieu, fureur délirante, folle, vertigineuse.

Dans cet ordre d'idées, l'Empire de la Bête n'est détruit que dans son exclusivisme étroit qui la porte à faire surgir la vie mentale et la chair seulement dans le plan de la Terre, dans ce plan impie à travers lequel on ne cherche pas vivre notre essence créatrice, notre essence divine qui est le fou intime de l'âme, sa puissance, sa véritable vitalité. L'Antéchrist qui atteint la vie du moi au contraire du Serpent (vieux paganisme) selon lequel il n'y avait qu'un vide Extérieur, sans substance intime, sans rien, l'Antéchrist, dis-je, ne peut pourtant atteindre les profondeurs les plus reculées de l'Être où se trouve Dieu en spasmes de spirituelle luxure créatrice. C'est en cela qu'il devient condamnable, et ce point de vue terrestre, opaque, lequel ne laisse pas transparaître la furieuse Action Créatrice (Verbe) de la folle, délirante Toute-Puissance Divine (Saint-Esprit de Dieu) doit être détruit pour toujours!

Mais l'Antéchrist sera transcendu et de cette forme la chair et la vie du moi qui l'animent, s'approfondiront au point de s'astraliser, en se divinisant. Et seulement alors surgira une charnalité pure, abstraite, un pur, spirituel délire qui dans sa suprême, dans son absolue intensité, sera aussi purement, abstraitement bestial.

De cette forme, la défaite de l'Antéchrist ne sera plus que la défaite de la Terre afin que le moi atteigne la suprême Force, la suprême Vie qui ne peut pas venir que de Dieu-Satan.

C'est dans le strict domaine de la Terre que la luxure est condamnable, mais lorsqu'elle devient pure, infinie, divine, elle se confond alors avec la propre fureur créatrice de Dieu. J'ai soutenu cela même avec quelque développement dans mon livre «Sodoma Divinizada» («Sodome Divinisée»), qui pourtant, à cause de son hétérodoxie, fut violemment condamné par l'Église Romaine. Un journal catholique, sous les ordres d'un évêque, a provoqué contre moi une féroce persécution, obligeant même le gouvernement, d'ailleurs athée, à interdire la vente publique de mon livre, et pour cela il a organisé une forte association d'étudiants catholiques et faussement moralistes qui se sont imposés aux pouvoirs de l'État, cherchant en outre me persécuter de toutes les formes. Mais par réponse je lance alors ce défi sublime dans un manifeste tout plein de *véritable grandeur* morale qu'ils n'ont pas compris: «Si le pape M'excommunie, J'excommunie le pape!» (D'une forme plus littéraire et aussi puissante j'écris le même dans une invocation à Gilles de Rais laquelle précède mon poème sacré «Messe Noire»: «Par la violence occulte de Mon action divine, l'anathème du pape tombera sur lui!»).

Dans le manifeste je parle comme prophète Hénoc et en effet seulement le Prophète sacré de Dieu et de la Mort pouvait avoir la force de provoquer un choc de retour formidable devant l'acte de magie noire que représente l'excommunication du pape.

Pendant toute cette lutte trop intense j'ai employé parfois aussi ma force physique avec violence parce que, malgré tous mes vices dont la portée divine les autres ne comprennent pas, je suis quand même un Homme!

Mes propres vices je les domine quand je le veux et lorsque la pratique de la magie l'exige! Je ne laisse pourtant de les exprimer en plusieurs moments car ils s'emplissent tout-à-fait de l'atmosphère paracletienne, cette atmosphère sacrée de *messe noire*, spiritualisée par une extrême divinisation: c'est ce que j'exprime dans le poème inédit que j'intitule même «Messe Noire» et que je consacre à la mémoire de Gilles de Rais, sataniste trop différent des autres comme vous reconnaissez aussi. Supérieurs à lui il n'y a, pendant les derniers siècles du Moyen Age, que les vieux templiers que l'Église Romaine a condamnés au feu. Ils sont bien les audacieux précurseurs du paracletianisme.

Je vous ai dit l'essentiel et pour finir je veux seulement vous déclarer que mon initiation dans le Monde Occulte n'a été faite que directement par Dieu et par moi-même.

Autrefois j'appartenais à la Sociedade Esotérica da Comunhão do Pensamento (Société Esotérique de la Communion de la Pensée) dont le siège est à São Paulo (Brésil), mais quand je commençais mon initiation par les procédés plus ou moins usuels, mes confrères, puisqu'ils pressentaient en moi une force tout puissante qui leur est surgie épouvantable, délicatement ont pris la résolution de m'éloigner. Et cela s'est passé au commencement de la Guerre pendant laquelle j'ai persécuté magiquement l'Allemagne jusqu'au moment de la vaincre, ce qui m'a obligé à subir de formidables chocs de retour consécutifs, presque aussi forts que celui qui a provoqué la tragédie du Calvaire.

Ma divine mission exige que je Devienne un martyr de l'Occulte et à cette terrible épreuve je veux me soumettre afin d'accomplir la Haute Destinée que Dieu en moi impose. De profondes angoisses ont toujours formé ma vie et je souffre encore beaucoup; cependant je sais dominer dans la douleur! Et qu'est-ce qu'elle est comparée avec la grandeur de mon Âme? Que mon Orgueil s'exalte glorieusement et que les viles misères de cette vie, engendrées par des larves, par des élémentals tout méprisables, ne réussissent jamais à atteindre la substance intime de mon être invulnérable.

J'espère que nos relations puissent devenir de plus en plus fraternelles et intenses: alors si un jour vous auriez le désir d'achever mon initiation, jusqu'à présent seulement esquissée, je suivrais avec promptitude vos indications ésotériques. Vous serez ainsi le Maître de la Haute Initiation du Prophète sacré de Dieu et de la Mort.

Comme un frère bien aimé je vous embrasse.

888/D-S.

Lisboa, 15 de Janeiro de 1930

Meu caro Mestre Théron,

Recebi a sua carta e gostaria muito de saber a sua opinião acerca do meu poema «Antéchrist et la Gloire du Saint-Esprit»¹. Não sei muito de inglês, mas Fernando Pessoa, o meu melhor amigo e dos mais altos Espíritos de Portugal, pode muito bem ajudar-me na leitura das suas cartas. É ele o autor dos admiráveis poemas, «Antinous» e «Epithalamium», escritos na sua língua, e que já conhece².

¹ O poema referido, constituído por 91 estrofes de oito versos, escrito em francês, deveria ser o primeiro de uma série com o título geral de *Le Dernier Testament*, obra que não chegou a ser integralmente publicada. *Antéchrist et la Gloire du Saint-Esprit, Hymne-Poème sacré*, foi editado em livro pela Portugália Editora, em 1920.

² *Antinous*, poema escrito em 1915, foi publicado, pela primeira vez, em 1918 (edição de autor), tendo sido remodelado e reeditado em *English Poems, I e II* (com a chancela da Olisipo), juntamente com *Inscriptions*. O poema *Epithalamium*, escrito em 1913, foi publicado apenas em 1921, em *English Poems, III* (na mesma editora de F.Pessoa). Segundo indicação do autor, em carta a João Gaspar Simões, de 18 de Novembro de 1930, os dois longos poemas citados deveriam formar, em conjunto com outros três inéditos (que não chegaram a ser concluídos), um pequeno livro sobre o «fenómeno amoroso». Pessoa designa esse ciclo de «imperial» e explicita: «Assim, temos: (1) Grécia, *Antinous*; (2) Roma, *Epithalamium*; (3) Cristandade, *Prayer to a Woman's Body*; (4) Império Moderno, *Pan-Eros*; (5) Quinto Império, *Anteros*». *Antinous* trata da relação erótica e homossexual entre o Imperador Adriano e o seu escravo; *Epithalamium* descreve, de forma assaz intensa, os preparativos para a boda e a noite de núpcias de uma jovem virgem com o seu noivo.

Este poeta e astrólogo fez para mim a tradução de algumas passagens muito poderosas, verdadeiramente geniais, das «Confessions» de Mestre Therion, e eu pude reconhecer que o senhor é uma individualidade superior, sob o ponto de vista terrestre e astral, cujas doutrinas se aproximam muito das minhas, apesar da convicção que tem de estar perfeitamente integrado no Império da Besta (Anticristo-Razão:666)³. Tenho, portanto, pelas suas opiniões a mais elevada consideração e é por isso que desejo ardentemente saber o que pensa do meu poema que, aliás, é apenas um anúncio longínquo do meu espírito.

Sobre este livro e, em geral, sobre as minhas concepções, ou antes, sobre as minhas *intenções ocultas*, gostaria muito de falar consigo, pois estou convencido de que as minhas palavras o poderão interessar.

Por inspiração divina, sei que, enquanto o Reino do Verbo constitui a Idade Média, o Império do Anticristo-Razão (a Besta do Apocalipse) se esboça durante o Renascimento e a Reforma para atingir, em breve, o desenvolvimento extremo que o levará, certamente, a um estado de paroxismo bestial.

Segundo a tradição, Henocho ou Hermes Trimegisto⁴ deve surgir de novo na Terra, os últimos séculos do Império da Besta, para anunciar a próxima destruição desta e o início do terceiro Reino Divino que é o Reino do Espírito Santo da Morte-Deus. A terceira hipóstase divina corresponde ao Moul-ge⁵ caldaico e a Osíris⁶ (o Sol *poente* e, portanto, o deus subterrâneo tal como Moul-ge, essência do ser ou Sub-Ser); desta forma, uma vez que a missão de Henocho, reincarnado num homem do nosso século, não é senão a de anunciar o nascimento de um Reino que corresponde ao de Osíris ou do Sol *poente*, é lógico, sem dúvida, que ele provenha do extremo ocidente (onde o sol se põe) como, de resto, Nostradamus⁷ no-lo assegura:

³ Conforme se dá conta na Apresentação da carta, Raul Leal explica a João Gaspar Simões (carta publicada em *Persona*, nº 7, Agosto de 1982) o motivo que supusera, na altura em que se relacionou com Crowley, tê-lo levado a adoptar o número 666. Este fora atribuído à Besta do Apocalipse por S. João Evangelista, «*comunicando do Plano Astral e Divino com um médium medieval*» (p. 56). No entanto, antes de ser o número representativo do Anticristo, era «o da Inteligência Concreta, Prática, Materialista ou Materializadora, enfim, *Impura*».

⁴ Henocho (ou Enoch, e também Henoc ou Enoque), personagem bíblica ante-diluviana, é referido no Génesis, 5, 21-24, como aquele que, no fim dos seus dias, foi arrebatado por Deus, não tendo experimentado a morte natural dos homens comuns. Surge, por vezes, associado ao profeta Elias, como sendo um dos dois combatentes do Anticristo, inspirados pelo Espírito Santo. O seu nome significaria «olho interno» ou «profeta», segundo a teósofa Helena Blavatsky que considera também o chamado *Livro de Henocho* (livro apócrifo da tradição hebraica) como uma obra de carácter simbólico e iniciático. O Livro mostra a relação dos primeiros humanos com os Anjos e faz uma antevisão do Juízo Final e de um novo Reino vindouro, tendo, muito provavelmente, inspirado os escritores neotestamentários e, em especial, as profecias do Apocalipse. Num outro apócrifo, *Livro dos Jubileus*, que narra a criação do mundo e a história de Adão e Eva, Henocho é descrito como aquele que tentou *descobrir* os escritos dos Vigilantes (Anjos), ou seja, que *inventou* a linguagem. Esta característica aproxima Henocho de Hermes Trimegisto, figura mítica da tradição esotérica egípcia, a quem pode ser identificado, tal como o pode ser a Cadmo, herói da mitologia grega, ou a Idris, da cultura árabe (ver, por exemplo, Jonathan Black e a sua *História Secreta do Mundo*). Por sua vez, a Hermes Trimegisto, «três vezes grande», é atribuído um conjunto de textos de autoria incerta, mas que constituem um verdadeiro *corpus hermeticum*, pilar da tradição esotérica. No estudo que acompanha a tradução para francês dos «livros herméticos» (*Poimandro, Asclepios* ou *Discurso da Iniciação*, e fragmentos de alguns outros livros), Louis Ménéard conclui que estes são «os últimos monumentos do paganismo», pertencentes quer à filosofia grega quer à religião egípcia e, pela sua exaltação mística, à Idade Média, mostrando de que modo se pode passar da religião de Homero à religião cristã (*Hermès Trimegiste*, Paris: Guy Trédaniel, Éditions de la Maisnie, 2004, pp.CX-CXI).

⁵ Moul-ge, esposo de Nin-ge, corresponde ao deus assírio Bel. É designado como pastor, senhor dos campos. Na mitologia ou demonologia da Caldeia, a montanha do ocidente, onde se põe o sol, é o lugar fúnebre por excelência e é aí, na entrada dos infernos, que o deus Moul-ge nasce e tem o seu império tenebroso. É provável que Raul Leal conhecesse uma obra, em francês, de François Lenormant, *La Magie chez les Chaldéens et les origines accadiennes* (1874), onde se transcrevem também alguns hinos a Moul-ge.

⁶ Osíris, deus solar egípcio, Senhor da Morte e dos Reinos infernais, era também o Rei-Deus que ressuscitava a cada inundação do Nilo. Surge, assim, associado à fertilidade, às colheitas e aos ciclos anuais das estações. A relação estabelecida entre sexo e morte na figura do deus remete igualmente para o poder vivificante do pensamento. Osíris renasce sempre num estado de consciência superior.

⁷ Nostradamus é o nome por que é conhecido Michel de Nostredame (1503-1566), médico e alquimista francês, nascido na Provença. Tornou-se célebre pelas suas profecias, publicadas em 1555, sob a designação de *Centúrias*. A obra é constituída por 12 centúrias (965 quadras), correspondendo o início da quadra citada à nº 35 da Centúria III. A quadra completa é: «Du plus profond de l'Occident d'Europe, / De pauvres gens un jeune enfant naîtra, / Qui par sa langue séduira grande troupe, / Son bruit au règne d'Orient plus croîtra.» A «criança» referida tem dado azo às mais variadas interpretações: uns vêem nela Napoleão, outros, Hitler, outros até, por exemplo, S. Vicente de Paula. Os messianistas portugueses tendem a interpretar a quadra como tendo relação com Portugal (no extremo ocidental da Europa), considerando ou que se trata de alguém que ainda há-de nascer, ou mesmo que pode

«No mais profundo do ocidente da Europa,
de pobre gente (isto é, de um país pobre e pequeno) uma criança nascerá...»

Ora, é Portugal a mais pequena nação que existe no extremo ocidente, e, neste caso, o homem que surgir como encarnação do profeta Henoch deve ser português.

No meu poema em preparação «Le Royaume de la Mort», provo que sou eu Henoch, o Profeta de Deus e da Morte que Mohammed⁸ loucamente pretendeu ser, quando não era mais que um dos falsos profetas de que nos fala o Apocalipse.

Não posso, como é evidente, expor-lhe completamente numa carta as doutrinas do paracletianismo (religião do Divino Paracleto ou Espírito Santo da Morte-Deus); é no poema de que acabei de lhe falar que procuro vivê-las absolutamente, fazendo surgir através da minha alma a visão profética de todos os estados do Reino da Morte, surgidos na divina e satânica essência de um *eu* da qual o homem se mantém hoje afastado, derivando daí a sua actual impotência: Porque Deus, Deus-Satã, se encontra no *Sub-Ser*, nas profundezas *infernais* da Existência Universal que somos (o Universo é apenas o mundo subjectivo das nossas impressões-pensamentos), ele encontra-se, pelo contrário, no fundo deste. Através da Morte não fazemos mais do que nos afundar na nossa própria essência, a ponto de nos tornarmos Essência somente, Espírito somente, Deus somente: Deus-Satã...

Com efeito, a Existência que sentimos em nós é pura e o seu purismo fá-la surgir tão-somente como espírito abstracto de Existência, o qual é o produto último da sublimação ou purificação absoluta. Contudo, neste estado supremo, a Existência, não surgindo senão abstractamente como espírito de si mesmo, vazio dela, aniquila-se, tornando-se Vácuo, Nada, mas uma vez que só o seu purismo a destrói sempre e uma vez que é ele que a faz tornar-se, apesar de tudo, absoluta e, por isso, eterna, a Existência, para manter a sua eternidade através da sua pura destruição, precisa de surgir do Nada de forma contínua, precisa de *se criar* continuamente: e este espírito criativo que ela possui essencialmente é Deus!

Mas este Espírito Divino só surge pelo aniquilamento do Ser, Obra satânica do Mal; sem esta destruição pré-estabelecida, a Existência Eterna seria eternamente incriada, fixa, estática, sem vida, sendo, pois, no fundo inexistente: porque existir é por natureza o mesmo que fazer surgir constantemente a Existência e este facto exprime actividade, criadora sem dúvida; é enfim a Vida.

Ora se o aniquilamento satânico da Existência é a fonte da acção criadora, é o único motivo da aparição de Deus. Este funda-Se então no Mal, funda-se então em Satã! Além disso, Deus cria uma Existência Pura cujo purismo a força a tornar-se somente o espírito abstracto da Existência, *vazio* absolutamente desta, surgindo então como Nada, embora exprima o estado mais puro da Existência. Deste modo, a obra criadora, obra suprema de Deus, é também a imposição do Nada, é, pois, uma obra aniquiladora do Mal. Na realidade, trata-se assim de Deus-Satã!

E a Existência Pura que surge em nós, é neste caso essencialmente a Morte que é uma Vida Pura, abstracta, *vaziamente* abstracta, espiritual. A Morte exprime a suprema Existência, a suprema Vida, Fogo, Delírio, Vertigem no aniquilamento da Vida, no aniquilamento do Ser! Este Fogo transcendente, este Fogo Astral, *o próprio furor criador de Deus em nós*, exprimindo uma vitalidade demasiado intensa, exprime portanto uma vitalidade brutal como a da Loucura e da Luxúria, cujo delírio surge abstracto, *vaziamente* abstracto, espiritual, divino, pois que é puro, absoluto no plano da Morte. A Carne impregna-se, pois, de uma essência de Vida-Espírito, espectraliza-se enfim na sua suprema imposição.

É esta louca luxúria da Morte-Vertigem que nós devemos procurar sempre, pois trata-se do estado mais alto, mais puro da Existência, da Vida, e nós só o atingimos através de uma progressiva intensificação da vida dos sentidos que deve tornar-se cada vez mais profunda e cada vez mais bestial. Acabaremos por divinizá-la, identificando-a mesmo com o furor criador de Deus, furor delirante, louco, vertigoso.

designar não uma pessoa, mas uma ideia ou ideologia que revolucionará o mundo. Raul Leal foi, porventura, o único que se viu a si próprio como a «criança» profetizada.

⁸ Mohammed é a grafia usada em vez das formas vulgares, Mahomet ou Maomé. A figura do Anticristo ou da Besta, anunciada em vários escritos bíblicos (Tessalonicenses, Daniel, Apocalipse) foi (e continua a ser...), muitas vezes, identificada como Maomé, ou como o Islão por ele representado.

Nesta ordem de ideias, o Império da Besta só é destruído no seu exclusivismo estreito que a leva a fazer surgir a vida mental e a carne apenas no plano da Terra, neste plano ímpio através do qual não procuramos viver a nossa essência criadora, a nossa essência divina que é o fundo louco da alma, o seu poder, a sua verdadeira vitalidade. O Anticristo que atinge a vida do eu ao contrário da Serpente (velho paganismo), segundo o qual não haveria senão um vazio Exterior, sem substância íntima, sem nada, o

Anticristo, digo, não pode, no entanto, atingir as profundezas mais recuadas do Ser, onde se encontra Deus em espasmos de luxúria espiritual criadora. É nisto que se torna condenável, e este ponto de vista terrestre, opaco, que não deixa transparecer a furiosa Acção Criadora (Verbo) da louca, delirante Omnipotência Divina (Espírito Santo de Deus) deve ser destruído para sempre!

Mas o Anticristo será transcendido e desta forma a carne e a vida do eu que o animam, aprofundar-se-ão a ponto de se astralizar, divinizando-se. Só então surgirá uma carnalidade pura, abstracta, delírio espiritual que na sua supremacia, na sua absoluta intensidade, será também puramente, abstractamente bestial.

Desta forma, a derrota do Anticristo não será mais do que a derrota da Terra, afim de que o eu atinja a suprema Força, a suprema Vida que só pode vir de Deus-Satã.

É no estrito domínio da Terra que a luxúria é condenável, mas quando se torna pura, infinita, divina, confunde-se com o próprio furor criador de Deus. Sustentei isto mesmo com algum desenvolvimento no meu livro «Sodoma Divinizada»⁹, o qual, no entanto, por causa da sua heterodoxia, foi violentamente condenado pela Igreja Romana. Um jornal católico, sob as ordens de um bispo, provocou contra mim uma feroz perseguição, obrigando mesmo o governo, aliás, ateu, a proibir a venda pública do meu livro, tendo organizado para isso uma forte associação de estudantes católicos e falsamente moralistas que se impuseram ao poder do Estado, tentando, além disso, perseguir-me por todos os meios. Mas, em resposta, lancei este desafio sublime num manifesto pleno de verdadeira grandeza moral, que eles não compreenderam: «Se o papa Me excomunga, Eu excomungo o papa!»¹⁰ (de uma forma mais literária e igualmente poderosa, escrevo a mesma coisa numa invocação a Gilles de Rais¹¹ que precede o meu poema sagrado «Messe Noire»¹²: «Pela violência oculta da Minha acção divina, o anátema do papa sobre ele cairá!».

⁹ A obra *Sodoma Divinizada, Leves reflexões teometafísicas sobre um artigo* foi publicada pela editora Olisipo de Fernando Pessoa, em 1923. Surgiu na sequência da polémica que opôs Pessoa ao crítico Álvaro Maia. Em Julho de 1922, o nº 3 da revista *Contemporânea* insere o artigo de Pessoa, «António Botto e o Ideal Estético em Portugal», fazendo a apologia do livro *Cancões*, considerado como um «hino ao prazer, porém não prazer como alegria, nem como raiva, senão simplesmente como prazer». O conservador Álvaro Maia reage de forma agressiva à apreciação pessoana, respondendo, no nº 4, com outro artigo, «Literatura de Sodoma / O Sr. Fernando Pessoa e o ideal estético em Portugal», no qual acusa Pessoa de não ter respeito pela própria inteligência e de ser cúmplice de poetas cujo culto da beleza mais não é do que a manifestação de uma «carnalidade monstruosa» ou da «mais bestializante coprolália». Raul Leal decide apoiar os amigos, Botto e Pessoa, fazendo publicar, por sua vez, no jornal *O Dia* (16 de Novembro desse mesmo ano), «António Botto e o Sentido do Ritmo». Entretanto, como Fernando Pessoa fica em relativo silêncio, Raul Leal resolve avançar de forma mais contundente, com uma resposta muito clara ao artigo e título usado por Maia, escrevendo *Sodoma Divinizada*, sem dúvida o seu texto mais conhecido. Depois de várias reacções intempestivas e censórias do meio estudantil lisboeta, a obra viria a ser apreendida pelo Governo Civil.

¹⁰ Raul Leal refere-se a um longo panfleto intitulado *Uma Lição de Moral aos Estudantes de Lisboa e o descaramento da Igreja Católica*, escrito após a apreensão de *Sodoma Divinizada*, em 1923 (ver nota anterior). Nele, ataca os promotores da perseguição de que era alvo, mas também a Igreja Católica que, no seu entender, estaria por detrás da Liga de Acção dos Estudantes de Lisboa (capitaneada, lembre-se, por Teotónio Pereira, futuro ministro de Salazar). Leal diz-se defensor de uma Teocracia Universal, anarquizadora, coisa que Igreja de Roma jamais poderia compreender. O texto termina com as palavras citadas na carta a Mestre Therion. Os estudantes reagem, por sua vez, com um manifesto insultuoso, o que leva Fernando Pessoa a vir em defesa de Raul Leal, escrevendo outro panfleto, *Sobre um manifesto de estudantes*, onde salienta o «alto génio especulativo e metafísico» do amigo e a honra que é para si tê-lo por companheiro.

¹¹ Gilles de Rais ou Gilles de Retz [1405(?) - 1440] foi um nobre francês, companheiro de armas de Joana d'Arc e seu fiel admirador. Acusado de sodomia, assassinato e tortura de crianças, evocação e pacto com o diabo, mas também de rebelião e recusa da ordem estabelecida, acabaria por ser condenado à forca e fogueira, em 1440, pelo tribunal eclesástico de Nantes. Voltaire terá sido um dos primeiros a levantar algumas dúvidas acerca dos seus crimes, considerando outros estudiosos que poderia muito bem ter sido vítima inocente às mãos da Inquisição, como, de resto, a própria Joana d'Arc.

¹² *Messe Noire*, «poema diabólico, precedido por uma Invocação em prosa a Gilles de Rais», seria o segundo da série *Le Dernier Testament*, indicado na nota 1 (ver a este respeito, Pinharanda Gomes, *Um d'Orpheu - Raul Leal* (ensaio bio-bibliográfico), Lisboa, 1965.). O poema integral permanece inédito, constando o original do espólio de Alberto de Serpa. Em 1931, no nº 31-32 da revista *presença* (pp. 24-25), foi publicado um excerto, com a designação de «poème sacré» e datado de 1926.

Neste manifesto, falo como profeta Henoch e, de facto, só o Profeta sagrado de Deus e da Morte podia ter a força para provocar um choque de retorno formidável diante do acto de magia negra que representa a excomunhão do papa.

Durante toda esta luta demasiado intensa, usei também por vezes a minha força física com violência, porque, apesar de todos os meus vícios cujo alcance divino os outros não compreendem, sou, no entanto, um Homem!

Os meus próprios vícios, domino-os quando quero e quando a prática da magia o exige! Não deixo, contudo, de os exprimir em vários momentos, pois eles impregnam-se completamente da atmosfera paraclética, essa atmosfera sagrada de *missa negra*, espiritualizada por uma extrema divinização: é o que expresso no poema inédito que se intitula precisamente «Messe Noire» e que consagro à memória de Gilles de Rais, satanista muito diferente dos outros, como o senhor também reconhece. Superiores a ele não há, durante os últimos séculos da Idade Média, senão os velhos templários que a Igreja Romana condenou ao fogo. São eles, sem dúvida, os audaciosos precursores do paraclétianismo.

Disse-lhe o essencial e, para terminar, quero ainda declarar que a minha iniciação no Mundo Oculto foi feita apenas directamente por Deus e por mim mesmo.

Pertenci, em tempos, à Sociedade Esotérica da Comunhão do Pensamento¹³, cuja sede é em São Paulo (Brasil), mas quando começava a minha iniciação pelos processos mais ou menos usuais, os meus confrades, presentindo em mim uma força muito poderosa que se lhes afigurou temível, tomaram delicadamente a decisão de me afastar. E isto passou-se no início da Guerra, durante a qual persegui magicamente a Alemanha, até ao ponto de a vencer, o que me obrigou a sofrer formidáveis e consecutivos choques de retorno, quase tão fortes como o que provocou a tragédia do Calvário.

A minha missão divina exige que me Torne um mártir do Oculto e eu desejo submeter-me a esta terrível prova para cumprir o Alto Destino que Deus me impõe. Angústias profundas presidiram sempre à minha vida e sofro ainda muito; sei, porém, dominar a dor! E o que é ela comparada com a grandeza da minha Alma? Que o meu Orgulho se exalte gloriosamente e que as vis misérias desta vida, engendradas por larvas, por elementais completamente desprezíveis, não logrem nunca atingir a substância íntima do meu ser invulnerável.

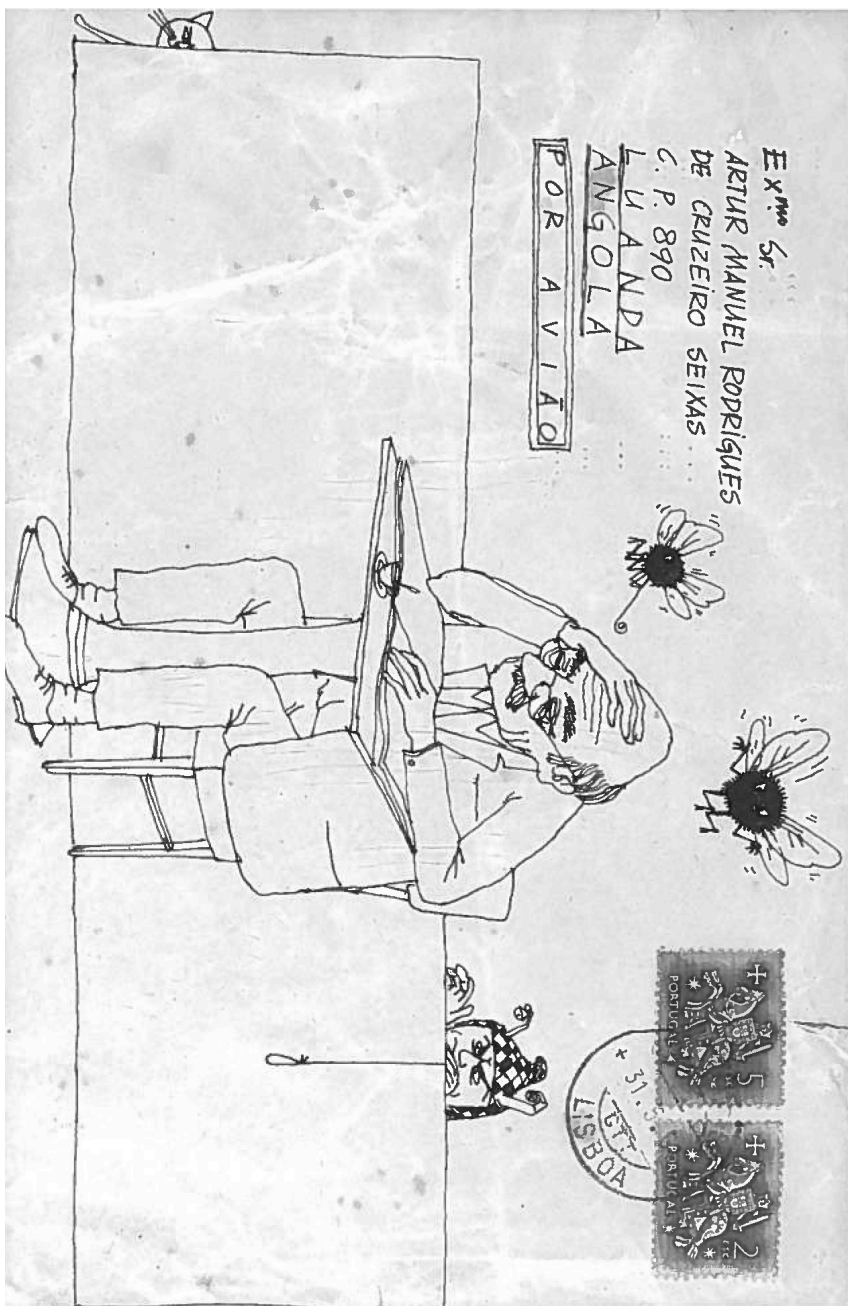
Espero que as nossas relações possam tornar-se cada vez mais fraternais e intensas: assim, se um dia o senhor tiver vontade de terminar a minha iniciação, até ao presente apenas esboçada, seguirei prontamente as suas indicações esotéricas. Será, deste modo, o Mestre da Alta Iniciação do Profeta sagrado de Deus e da Morte.

Abraço-o, como a um irmão bem-amado.

888/D-S.¹⁴

¹³ Designação correspondente ao Círculo Esotérico Comunhão do Pensamento, fundado em São Paulo, em 1909, pelo português António Olívio Rodrigues, que emigrara para o Brasil, em 1890, com apenas cerca de 11 anos de idade. Instruído nas doutrinas martinistas, mas também no espiritismo e na teosofia, o fundador tornou-se conhecido também como astrólogo, tendo sido provavelmente o primeiro astrólogo profissional naquele país. Criara, já em 1907, a empresa editora «O Pensamento», divulgadora de obras da área esotérica e também do magnetismo (a primeira obra editada foi mesmo o livro de Henri e Hector Durville, *Magnetismo Pessoal*). Conforme o nome sugere, o Círculo Esotérico da Comunhão do Pensamento, cujo lema continua ainda hoje a ser «Harmonia, Amor, Verdade e Justiça», procurava e procura, através da criação de Centros de Irradiação Mental (*Tattvas*), despertar energias criadoras latentes no pensamento humano e formar «uma ininterrupta cadeia mental colectiva, visando à geração de ondas irradiadoras de pensamentos de paz e harmonia» (segundo se lê no *site* da instituição).

¹⁴ É também Raul Leal que esclarece o significado do número 888, representativo da «Inteligência Pura, Abstracta, Espiritual e sublimadoramente Espiritualizadora» (carta cit., *Persona*, n.º 7, Agosto de 1982, p. 56). Acrescenta o autor da carta a sua intenção, «se ainda publicar livros», de fazer imprimir na parte de trás da capa, esse número, «pondo-o em cruz grega, símbolo da Dor Criadora, da Salvação e Redenção, entrelaçado com 333, número representativo da Vida Carnal ou da Luxúria, então espiritualizada sublimadoramente pela Inteligência-Espírito, representada por 888». A abreviatura D-S tem que ver com Deus-Satã, sobre o qual discorre ao longo da carta a Mestre Therion.



Raul Leal no Café Gelo
desenho de João Rodrigues, 1961